

DÁDIVA E HOSPITALIDADE NA BÍBLIA

GIFT AND HOSPITALITY IN THE BIBLE

DE REGALOS Y HOSPITALIDAD EN LA BIBLIA

Renata Silva Santos Camargo¹

Marielys Siqueira Bueno²

RESUMO: O presente texto aborda a hospitalidade como uma dimensão da dádiva e, referendando a contemporaneidade destes dois conceitos, aponta a religião como um instrumento de legitimação da dádiva e da hospitalidade na sociedade contemporânea. Para tanto, realizou-se uma pesquisa sobre a representatividade da hospitalidade na Bíblia, livro sagrado dos que professam uma fé cristã. Concluiu-se que a hospitalidade é uma prática ordenada e recomendada na Bíblia e, como o livro é balizador e orientador para os cristãos, entende-se ser a religião um instrumento de legitimação da hospitalidade nos dias atuais, uma vez que influencia e até mesmo modela o comportamento de inúmeras pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Dádiva. Hospitalidade. Bíblia. Religião. Cristianismo.

¹ Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembí Morumbi, Especialista em Administração Hoteleira, pela UFJF/Senac, graduada em Turismo pela Faculdade de Turismo de Santos Dumont e professora efetiva na Área de Turismo e Hospitalidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, campus Barbacena. E-mail: renatasantosmg@hotmail.com

² Diplomada em Études Approfondies en Anthropologie Sociale e em Études Approfondies en Cinéma Anthropologique, pela Sorbonne, na França. Doutora em Sociologia pela USP, Mestre em Antropologia pela UFGO e Pedagoga. Docente do Programa de Mestrado em Hospitalidade.

ABSTRACT: This paper is hospitality as a gift and size, which confirms the contemporaneity of these two concepts, points to religion as an instrument of legitimation of the gift and hospitality in contemporary society. To this end, we carried out a survey about the representation of hospitality in the Bible, the sacred book of those who profess a Christian faith. It was concluded that hospitality is an organized practice and recommended in the Bible, the book is balizador and advisor for christians, it is understood religion to be an instrument to legitimize the hospitality today, as it influences and even models the behavior of many people.

KEYWORDS: Gift. Hospitality. Bible. Religion. Christianity

RESUMEN: Este artículo es acerca de la hospitalidad como un regalo y el tamaño, lo que confirma la contemporaneidad de estos dos conceptos, puntos a la religión como un instrumento de legitimación de la donación y la hospitalidad en la sociedad contemporánea. Para ello, llevamos a cabo una encuesta sobre la representación de la hospitalidad en la Biblia, el libro sagrado de los que profesan una fe cristiana. Se concluyó que la hospitalidad es una práctica organizada y se recomienda en la Biblia, el libro es balizador y asesor para los cristianos, se entiende la religión como un instrumento para legitimar la hospitalidad de hoy, ya que influye e incluso modela el comportamiento de muchas personas.

PALABRAS CLAVE: Donación. Hospitalidad. Biblia. Religión. El cristianismo

Introdução

Diversos são os estudos sobre hospitalidade e variados os enfoques, demonstrando que o tema permite diferentes recortes e menções. Camargo (2004, p. 39) cita que, nos dias atuais, a hospitalidade é tema da filosofia, da sociologia, de estudos de semiologia e análise literária, como também da revisão e recuperação dos estudos de Marcel Mauss. O que se percebe é que, independente da abordagem, o cerne está sempre relacionado a atitudes de acolhimento. Tais atitudes podem ocorrer na esfera

familiar e doméstica, em relações profissionais de prestação de serviços e também no contexto público e envolvem acolhimento, abertura ao outro, receptividade.

Nas diversas definições de hospitalidade a abertura para o acolhimento é o ponto crucial.

Esse acolhimento, que já foi um dever sagrado, moral e social, sempre teve aspectos diversos. Por isso, pode-se falar em hospitalidade como virtude burguesa associada à idéia de bem-receber - uma iniciativa individual próxima da amizade -, ou pode ter uma dimensão coletiva e um caráter de obrigação e, nesse caso, estaria associada à idéia de caridade, que hoje seria de domínio do serviço público e da proteção social. (BUENO, 2003, p. 1)

A abordagem de hospitalidade deste artigo enfoca justamente a concepção de acolhimento e abertura ao outro. Neste sentido, ela se relaciona ao vínculo social, sendo, portanto, uma dimensão da dádiva.

A ligação entre dádiva e hospitalidade é apontada por Godbout (1997, p. 5) em seu artigo intitulado “Receber é dar”, onde o autor reflete: “o que o dom pode nos ensinar sobre hospitalidade? Este fenômeno social complexo com certeza não diz respeito unicamente ao domínio do dom. Mas podemos perguntar se é possível falar em hospitalidade quando esta dimensão estiver totalmente ausente.” E, neste mesmo artigo, afirma: “nem toda dádiva insere-se dentro da hospitalidade, mas toda ação de hospitalidade começa com uma dádiva.” (GODBOUT, 1997 apud CAMARGO, 2004, p. 19)

A dádiva consiste na proposição de ligações, acordos de apaziguamento e estabelecimento de vínculos. Ao pensarmos neste conceito, referimo-nos a trocas não necessariamente materiais, falamos de relação social. “O dom serve antes de mais nada para estabelecer ligações. [...] o dom é, não uma coisa, mas uma relação social.” (GODBOUT, 1992, p. 14-15)

Foi Marcel Mauss (1923-24)³ quem desenvolveu o conceito de dádiva, o qual, analisando extenso material etnográfico, percebeu o fundamento da sociabilidade nas

³ MAUSS, Marcel. *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. A data faz referência à primeira edição:

-----*Essai sur Le Don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, publicado originalmente no *Année sociologique*, sécond série, T. 1, 1923-24.

sociedades arcaicas pela circularidade da “tríplice obrigação de dar, receber e retribuir”, base para a formação dos vínculos sociais e alianças.

O conceito de dádiva tem sido recuperado na atual sociedade, que é marcada por intenso incentivo à individualidade e por relações fortemente baseadas em interesse. Diferentemente das sociedades arcaicas, as trocas na atualidade são baseadas primordialmente em questões econômicas, onde predomina um valor de uso. Neste sentido, Martins; Nunes (2004, p. 36) apontam que “sob muitos aspectos, os tempos atuais parecem lembrar o contexto histórico que levou Augusto Comte a defender, contra o ideal da economia clássica nascente do *homo economicus*, um *homo sociologicus*.”

A hospitalidade, enquanto dimensão da dádiva, constitui-se também numa manifestação anti-utilitarista de resgate do vínculo social, uma vez que motiva o reexame das relações sociais, auxiliando no seu fortalecimento em detrimento do privilégio dado às relações econômicas e do individualismo, pois: “a hospitalidade permite, precisamente, romper com o ciclo egoísta, porque a partir do momento que outrem faz a sua entrada na esfera do mesmo, o egoísmo só é possível como consciência e escolha deliberadas, portanto, como egoísmo não inocente.” (BAPTISTA, 2002, p. 160).

Dádiva e hospitalidade são elementos constitutivos da vida em sociedade, inclusive da atual:

Daí decorre a noção de hospitalidade como um conjunto de leis não escritas que regulam o ritual social e cuja observância não se limita aos usos e costumes das sociedades ditas arcaicas ou primitivas. Continuaram a operar e até hoje se exprimem com toda força nas sociedades contemporâneas. (CAMARGO, 2004, p. 17,18)

O pressuposto da presente reflexão é de que a contemporaneidade de preceitos de dádiva e hospitalidade encontra também na religiosidade uma de suas dimensões. Entende-se aqui religiosidade como uma característica de pessoas que são religiosas, ou seja, que têm tendência ou disposição a coisas sagradas, a seres espirituais, à religião, que, por sua vez, consiste na manifestação de uma crença por meio de doutrina e ritual próprios.

A importância da religião para o homem é evidenciada por Durkheim (apud BERGER, 2010 p. 5) ao afirmar que “a religião é uma característica geral da vida humana [...] está na base da constituição do homem enquanto tal.” O autor compreende a religião como um aspecto “essencial e permanente da humanidade” (BERGER, 2010, p. 5).

A influência que a religião tem na sociedade respalda a elaboração deste artigo que consiste em um apontamento de como a hospitalidade é retratada na Bíblia, livro usado como manual de conduta e fé, tido como sagrado pelas religiões cristãs. Busca-se evidenciar que a hospitalidade é uma prática recomendada aos cristãos nos dias de hoje.

Este texto é fruto da dissertação de mestrado da autora, intitulada “Dádiva e Hospitalidade: a Bíblia como fonte de estudo”, apresentada ao Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Para realização da pesquisa, de maneira prática, seguiram-se os seguintes passos: pesquisa *on line* tendo como palavra-chave “hospitalidade”; e posteriormente as palavras: hospitaleiro; acolhimento, acolher, acolhida; estrangeiro, hóspede, hospedar. Nesta busca foram encontrados cerca de 403 trechos, sendo alguns diretamente relacionados ao sentido da hospitalidade e outros não. O vocábulo em que mais trechos foram encontrados, 343, foi “estrangeiro”.

Esta busca foi realizada primeiramente no site da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), entidade associada às Sociedades Bíblicas Unidas, com sede na Inglaterra, que foi fundada no século XIX com o objetivo de facilitar o processo de tradução, produção e distribuição da Bíblia por meio de estratégias de cooperação mútua. “Sua natureza é filantrópica, social e cultural, sendo amplamente reconhecida pelos órgãos oficiais brasileiros. (SBB, 2010).

Também foi realizada uma pesquisa *on line* na Bíblia publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entidade brasileira ligada ao Vaticano, órgão máximo de representação da Igreja Católica mundial.

A realização da pesquisa *on line* nas duas fontes citadas deve-se ao fato da existência de uma diferenciação em relação à Bíblia utilizada por cristãos católicos e protestantes. A Bíblia católica possui seis livros a mais, todos constantes do chamado Antigo Testamento: Tobias, Judite, Primeiro e Segundo Macabeus, Eclesiástico, Sabedoria, Baruc.

Posteriormente, realizou-se a mesma busca por vocábulos através da parte “concordância bíblica” na Bíblia publicada pela SBB, de autoria de João Ferreira de Almeida, versão de estudo, revista e atualizada; e no índice doutrinal de uma das publicações recomendadas pela CNBB. Além de consulta a dicionários e enciclopédias bíblicas. Outros relatos foram identificados por meio do conhecimento prévio da autora, através de leituras da Bíblia.

Ressalta-se a existência de publicações, tanto pela SBB como por instituições católicas, que usam outras formas de linguagem, como por exemplo, ‘linguagem de hoje’ e “corrigida”. Assim, em se tratando da pesquisa por palavras, uma busca em outras versões poderia alterar os dados aqui apresentados. Portanto, as informações que são dadas com base nas versões utilizadas para o estudo foram escolhidas por pertencerem a órgãos reconhecidos.

Frisa-se também o uso das publicações no intuito de restringir e tornar possível o trabalho. Outrossim, são relatadas situações que evocam hospitalidade, sendo os vocábulos utilizados, portanto, apenas uma das etapas da pesquisa. A maior precisão perseguida foi em relação às situações que demonstram hospitalidade, sendo o uso de vocábulos, questão secundária e apenas facilitadora da pesquisa.

O que se constatou com o estudo é que a Bíblia é rica em relatos sobre a efetiva prática da hospitalidade. Aborda questões da acolhida ao outro, sendo que, este, é basicamente o estrangeiro no Antigo Testamento e, no Novo Testamento, não apenas o que vem de fora, mas também os menos favorecidos e todos que necessitam de alguma ajuda. A questão da hospitalidade enquanto dever sagrado também recheia as páginas do Antigo e Novo Testamento, tendo neste, um aprofundamento e incentivo para que seja praticada.

Na essência, os textos bíblicos recomendam a hospitalidade, sendo esta a mensagem que predomina. Assim, por ser um livro referência para o cristianismo, faz com que a religião, praticada em seus preceitos, seja uma fonte legitimadora da hospitalidade nos dias atuais, pois, no meio dos cristãos, também se manifesta na vida coletiva.

A presença da hospitalidade na Bíblia reforça sua importância na sociedade moderna, uma vez que a religião é forte influenciadora na vida de muitas pessoas, pois a

fé legítima, incentiva, baliza e até mesmo define comportamentos. Para Armstrong (2008, p. 492):

Os seres humanos não suportam o vazio e a desolação; preenchem o vácuo criando novos focos de sentido. Os ídolos do fundamentalismo não são bons substitutos para Deus; se queremos criar uma fé nova e vibrante para o século XXI, devemos, talvez, estudar a história de Deus, em busca de algumas lições e advertências.

Inúmeros são os estudiosos que vêem a religião como influenciadora da sociedade contemporânea, entendendo que a religiosidade “tem a propriedade de garantir a coesão social, como nos mostram clássicos de sociologia e da antropologia, a saber, Durkheim, Weber, Marx, Mannheim, Bastide, Berger, Malinowsky, Mauss, Lévy-Strauss, Boas e Merton”. (LOPES; DE LIBERAL, 2009, p. 7). Para os autores, “na era da globalização e da mercantilização das relações, a religião aparece como uma esperança de humanização e redução do impacto da filosofia de consumo que destrói a vida” (LOPES; DE LIBERAL, 2009, p. 8).

Para a Sociologia, a religião é uma parte integrante da dinâmica social justamente porque pode influir nos comportamentos. (BRITO; DE LIBERAL, 2009, p. 74). Portanto, a presença de exortações à prática da hospitalidade na Bíblia são incentivos para que cristãos a exerçam e, neste sentido, a religiosidade torna-se uma legitimadora da hospitalidade na sociedade contemporânea.

Hospitalidade e religiosidade

O entendimento de hospitalidade está intimamente ligado à análise das relações sociais, uma vez que a mesma auxilia, nutre e possibilita a sociabilidade: a hospitalidade é “o ritual básico do vínculo humano”. (CAMARGO, 2004, p. 16)

A hospitalidade também manifesta uma capacidade de estabelecer vínculo, e, neste sentido, Montandon (2003, p. 141) afirma ser a hospitalidade “uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis [...] é concebida não apenas como uma forma essencial de interação social, mas como uma forma própria de hominização.”

Também Anne Gotman (2001, p. 493) que afirma ser a hospitalidade “um processo de agregação do outro à comunidade e a inospitalidade é o processo inverso.”

Reforçando a importância da hospitalidade, Baptista (2002) afirma que entende ser sua prática uma questão de civilidade que, portanto, deve marcar todas as situações da vida:

A hospitalidade não deverá ficar circunscrita à disponibilidade para receber o turista, o visitante que chega de fora e está provisoriamente na cidade. Pelas razões de ordem ética enunciadas anteriormente, é necessário alargar a atitude de acolhimento e de cortesia a todo o próximo, seja ele o vizinho, o colega de trabalho ou qualquer outro que no dia-a-dia cruza o nosso caminho. (BAPTISTA, 2002, p. 162)

Em Champlin (2002, p. 166) encontramos hospitalidade definida como “uma cortesia que oferecemos a algum hóspede ou convidado”, diz respeito ao ser gentil e generoso para com visitantes e para com qualquer outra pessoa.

As definições tratam, no seu cerne, da hospitalidade enquanto princípio relacionado ao vínculo social. As concepções abordadas evidenciam a forte e marcante característica da hospitalidade de interação entre indivíduos, e é assim que a mesma aparece no objeto de reflexão deste trabalho: a Bíblia.

Preceitos de hospitalidade presentes nas doutrinas das diferentes religiões a reforçam enquanto conceito a ser praticado, uma vez que a religiosidade é um fator que permeia a vivência humana e é traço cultural marcante da sociedade: “a grande maioria dos “sem-religião” não está, propriamente falando, livre dos comportamentos religiosos, das teologias e mitologias.” (ELIADE, 1992, p. 167)

Eliade (1992, p. 164, 165) nos fala de dois tipos de homens: o *homo religiosus*, que acredita existir uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo e se manifesta nele, santificando-o e tornando-o real. Este crê na origem sagrada da vida; e o homem a-religioso, o qual nega a transcendência e assume uma situação existencial em que é o único sujeito e agente da História, não aceitando “nenhum modelo de humanidade fora da condição humana tal como ela se revela nas diversas situações históricas.” (ELIADE, 1992, p. 165). Para este homem, o sagrado consiste em um empecilho à sua liberdade e o mesmo só consegue sentir-se completo na medida em que “se dessacraliza e dessacraliza o mundo”.

Respalhando a influência da religiosidade no mundo, o autor afirma que o homem a-religioso descende do *homo religiosus*: “o homem a-religioso, queira ou não, é também obra desse, constitui-se a partir das situações assumidas por seus antepassados” (ELIADE, 1992, p. 165).

O homem a-religioso *no estado puro* é um fenômeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas. A maioria dos “sem religião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. Não se trata somente da massa das “superstições” ou dos “tabus” do homem moderno, que têm toda uma estrutura e uma origem mágico-religiosas. O homem moderno que se sente e se pretende a-religioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados. (ELIADE, 1992, p. 166).

Dentre inúmeras religiões existentes na sociedade contemporânea, o cristianismo tem destaque, especialmente no Ocidente. Ele é um componente da nossa cultura, normas e leis, exercendo forte influência na sociedade: “O cristianismo impregna, com maior ou menor evidência, a vida cotidiana, os valores e as opções estéticas até mesmo dos que o ignoram.” (CORBIN, et. al, 2009, XIII).

O cristianismo “é a filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental. Há 2 mil anos permeia a história, a literatura, a filosofia, a arte e a arquitetura da Europa. Assim, conhecer o cristianismo é pré-requisito para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos.” (GAARDER et al, 2000, p. 137)

Wilges (2010, p. 9) defende que o fenômeno religioso é universal. Para o autor, “em todos os tempos, lugares e povos encontramos tal fenômeno. Esta afirmação é atestada pela etnologia e pela história das religiões.” (WILGES, 2010, p. 9).

O autor apresenta dados, do ano de 1992, que demonstram ser o número de cristãos o maior no mundo (1.759.000.000), seguidos por muçulmanos (939.000.000) e hindus (722.000.000). (WILGES, 2010, p. 25). Dados da Editora CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) apontam que, no ano de 2009, a população mundial consistia em 6,7 bilhões de pessoas, onde 2,2 bilhões eram cristãos, 1,4 bilhão eram muçulmanos, 888 milhões, hindus, 391 milhões budistas e 15 milhões de judeus.

Para Feuerbach (2002, p. 158), uma das razões para a boa aceitação do cristianismo reside no fato de seu livro sagrado ter sido escrito por homens comuns: “os

apóstolos e evangelistas não eram homens cientificamente cultivados. [...] Os apóstolos eram homens do povo, e o povo vive apenas em si, no ânimo; por isso o cristianismo triunfou sobre os povos”.

A Bíblia, independentemente de sua faceta sagrada, é um livro muito estudado. Sua influência na vida das pessoas leva à realização de muitos estudos por religiosos e historiadores, quanto à sua formação, concepção e autenticidade:

Os motivos dos estudiosos, cristãos, judeus e seculares, são compreensíveis: um pequeno corpo de escritos, primeiro em hebraico, depois em grego, produzidos numa estreita faixa do litoral leste do Mediterrâneo durante um período de mais ou menos uma dúzia de séculos, continuou a ter conseqüências do maior alcance porque esses escritos foram aceitos como verdade revelada; e no interesse da verdade *histórica* tornou-se obrigatório tentar compreender o processo pelo qual essa literatura emergiu de sua situação histórica original. (ALTER; KERMODE, 1997, p. 12).

Contudo, justamente a sacralidade atribuída à Bíblia reforça seu poder de legitimidade:

A hierarquia é sagrada – como diz a etimologia – e o soberano depende da ordem divina, dela fazendo parte ou recebendo o seu mandato. Logo o passado coletivo, elaborado em uma tradição, em costume, é a origem da legitimação. É uma reserva de imagens, de símbolos, de modelos de ação; permite empregar uma história idealizada, construída e reconstruída segundo as necessidades, a serviço do poder presente. Este gere e assegura seus privilégios colocando em cena uma herança. (BALANDIER, 1982).

Sendo assim, identificar as manifestações de hospitalidade presentes na Bíblia tornou-se relevante, considerando que uma massa de bilhões de pessoas, que se professam cristãs, têm no livro, um manual sagrado. Tal sacralidade ressalta o poder de legitimidade da religiosidade que, nesta reflexão, está ligada à legitimação da hospitalidade no mundo moderno.

A Bíblia

A palavra “bíblia” vem do termo grego *biblia* (livros), forma diminutiva de *biblos* (livro), denotando a parte interna da casca da cana do papiro⁴ (papel da antiguidade), da qual eram feitos os livros antigos (rolos). (UNGER, 2006, p. 10)

Segundo Lasor et al. (1999, p. 651), a frase muitas vezes empregada para descrever judeus, cristãos e muçulmanos é: povo do livro. Os dois últimos grupos teriam seguido os judeus, para quem as chamadas escrituras eram o registro da sua história, os documentos de sua lei, o testemunho de sua singularidade, o guia para o culto e, acima de tudo, “a revelação do único Deus vivo e verdadeiro” (LASOR et al., 1999, p. 651).

A Bíblia diz respeito aos livros que são reconhecidos como canônicos pela igreja cristã. (BRUCE, 1998, p. 13). Inicialmente foi o nome dado à casca de um papiro do século XI a.C. Por volta do século II d.C, os cristãos passaram a usar a palavra para designar seus escritos sagrados. (GEISLER; NIX, 1997, p. 5). “A igreja cristã nasceu com um livro nas mãos; o livro que Jesus e seus primeiros seguidores reverenciaram era o Antigo Testamento hebraico. Seus documentos compreendem a primeira metade do cânon cristão.” (LASOR et al., 1999, p. 651). Armstrong (2008, p. 69) afirma que “as escrituras cristãs foram redigidas em momentos diferentes, em regiões diversas e para audiências muito díspares, mas compartilhavam uma linguagem e um conjunto de símbolos, derivados da Lei e dos Profetas, bem como de textos do final do Segundo Templo.”

A reunião dos livros que compõem a Bíblia em um só volume ocorreu através do processo de canonização. “A palavra *cânon* deriva do grego *kanon* (regra, lista) que, por sua vez, se origina do hebraico *kaneh*. [...] mesmo em época anterior ao cristianismo, essa palavra era usada de modo mais amplo, com o sentido de padrão ou norma, além de cana ou unidade de medida.” (GEISLER; NIX, 1997, p. 61).

Ao se falar sobre cânon das Escrituras, entende-se a lista de livros que são aceitos pela igreja em geral como aqueles que foram escritos sob uma inspiração divina e, por isso, são usados como regra de fé e da experiência prática da religião cristã. (CHAMPLIN, 2002, p. 633). Segundo Beckwith (1998, p. 69) “desde o século IV o

⁴ Casca interna ou casca de papiro, que era usada antigamente no lugar de papel; portanto, volume escrito, rolo, livro, catálogo, relato. (MOULTON, 2007, P. 76)

vocábulo *kanon* é usado pelos cristãos para indicar uma lista autoritária de livros que pertencem ao Antigo ou ao Novo Testamento”. Tal questão é reforçada por Lasor et al.(1999, p. 651): “desde o século IV d.C, o termo cânon tem sido empregado em círculos cristãos para designar a lista regulamentar ou oficial dos livros que formam a Bíblia como regra de fé e prática para o povo de Deus.”

Segundo Champlin (2002, p. 527), o processo de canonização levou vários séculos. Muitas autoridades antigas rejeitaram livros atualmente aceitos. Porém, os cristãos acreditam que este processo foi controlado pelo “Espírito de Deus”, aceitando assim a autoridade divina da coletânea atual. O autor ainda aponta que os concílios realizados pela igreja ao longo da história tiveram influência na formação do cânon. Tais concílios não teriam formado o cânon, mas tiveram a função de declarar a opinião geral da igreja em diversas partes do mundo, consolidando e oficializando assim essas opiniões. (CHAMPLIN, 2002, p. 635).

Champlin (2002, p. 636) aponta os seguintes princípios como tendo sido usados para a formação do cânon: circulação universal, autoria dos apóstolos ou dos discípulos dos apóstolos, livros segundo a tradição e a doutrina dos apóstolos, rejeição de livros escritos após o tempo dos apóstolos, rejeição a escritos fabulosos, e uso universal por parte de toda a igreja.

Os livros que ficaram fora do texto sagrado são chamados apócrifos: “do grego *apokryphos*, do latim *apokryphu*”, significa, literalmente, algo “secreto”. Com o tempo, passou a significar obra ou fato sem autenticidade, ou cuja autenticidade não se provou.” (MERCURYO, 1995, p. 9).

Tal como conhecida e usada hoje por cristãos, a Bíblia é composta por duas partes principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. A palavra testamento tradução de palavras hebraicas e gregas que significam pacto ou acordo. Acredita-se que o Antigo Testamento foi escrito pela comunidade judaica e por ela preservado um milênio ou mais antes da era de Jesus Cristo. O Novo Testamento é atribuído aos discípulos de Jesus Cristo. (GEISLER;NIX, 1997, p. 5).

Unger (2006) aponta que a coleção formal de escritos cristãos feita na segunda metade do século II foi chamada Novo Testamento e foi colocada junto aos livros canônicos hebreus, em condições de igualdade quanto à inspiração e autoridade. As

Escrituras hebraicas foram então denominadas Antigo Testamento. (UNGER, 2006, p. 11).

Ainda segundo o autor, o Antigo Testamento foi escrito quase totalmente em hebraico, com alguns trechos em aramaico. Já o Novo Testamento em grego. “A arqueologia demonstra que essa era a língua cotidiana (*koine*) do mundo greco-romano da época. (UNGER, 2006, p. 12)

As Escrituras do Antigo Testamento foram escritas ao longo de um período que abarca mais de um milênio, de cerca de 1450 a.C a cerca de 400 a.C. As partes mais antigas foram escritas sobre couro ou papiro, em hebraico antigo.

No Antigo Testamento, tem-se a narração do pacto de Aliança que Deus fez com o povo de Israel. No Novo Testamento é encontrado o pacto feito por Deus com toda a humanidade por intermédio de Jesus Cristo. Nele há relatos da vida e morte de Jesus, como também fatos da igreja cristã primitiva e cartas de aconselhamento sobre o sentido da fé cristã. (GAARDER et al, 2000, p. 217)

A Bíblia é composta por 66 (sessenta e seis) livros, escritos ao longo de um período de mais de mil anos, os quais trazem “lenda e história, poesia e narrativa, discursos, leis, teses, cartas e, no Novo Testamento, os quatro relatos sobre a vida de Jesus.” (GAARDER et al, 2000, p. 217)

Na igreja cristã, o Antigo Testamento é dividido em “39 livros distintos, em vez de 24, como no judaísmo. Este é um arranjo puramente prático, que se deve em parte à concepção judaica de que os doze “profetas menores” formam um único livro.” (GAARDER et al, 2000, p. 217)

Segundo Geisler; Nix (1997, p. 9) as bíblias mais antigas não eram divididas em capítulos e versículos, como hoje. Para os autores estas divisões foram feitas para facilitar a tarefa de citar as Escrituras. Stephen Langton, professor da Universidade de Paris teria dividido a Bíblia em capítulos no ano de 1227. E Robert Stephanus, impressor parisiense, teria acrescentado a divisão em versículos em 1551 e 1955.

O fato é que, mesmo sendo questionada por muitos, a Bíblia é um dos livros mais lidos no mundo. Neste prisma, Gaarder (et. al, 2000, p. 216) afirma:

Primeiro livro a ser publicado logo que se desenvolveu a arte da impressão, já foi traduzido para 270 línguas; na verdade, trechos da

Bíblia podem ser encontrados em mais de 1600 línguas. E continua vendendo aos milhões. Nenhum outro livro na literatura mundial teve tal disseminação.

Dádiva e Hospitalidade na Bíblia

A Bíblia relata inúmeras situações em que a hospitalidade está presente, sendo colocada como um dever a ser prestado ao outro, um hábito a ser adquirido, uma virtude cardinal e uma expressão de amor a Deus e ao próximo.

É no Antigo Testamento que se encontram as maiores referências à prática da hospitalidade. Nesta parte da Bíblia, que corresponde ao texto sagrado usado pelo judaísmo, encontrou-se o relato de um povo israelita que peregrina pelo deserto em direção à terra que entendiam ser prometida por Deus a eles: Canaã. Neste contexto, os israelitas necessitaram de acolhimento ou permissão para transpor um espaço geográfico pertencente a outros povos e, portanto, precisaram de hospitalidade.

O Antigo Testamento traz ainda um povo israelita que recebeu ordenanças de seu Deus, por meio das chamadas leis civis e religiosas, para acolherem o estrangeiro – aquele que aceitava as condições impostas de renunciar a outros deuses e práticas religiosas - dando-lhes o direito de ofertar ao Deus dos israelitas, bem como participar das festas. Para tanto, este mesmo estrangeiro estaria também obrigado a cumprir todas as ordenanças direcionadas aos “escolhidos” e às mesmas repreensões. Os relatos bíblicos presentes no Antigo Testamento demonstraram que a hospitalidade era uma questão a ser praticada, porém, possuía regras e condições, sendo, assim, condicional. (Êxodo 12:48; Levítico 16:29; 17:8-10; 17:12, 13; 17:15; 19:10,33,34; 20:8; 24:16; 24:22; 25:6; Números 9:14;15:14; 15:15,16; 15: 25b, 26; 15: 29, 30; 19: 10; 35:15; Deuteronômio 5:14;10:19; 16:11; 16:14; 26:11; 31:12; Josué 20:9; Isaías 56:6,7)

Uma hospitalidade incondicional é encontrada sendo praticada apenas entre “iguais”, quando os israelitas entendiam receber anjos - que, apesar de serem de natureza diferente - seriam enviados por Deus e, portanto, eram semelhantes por serem e servirem à mesma “entidade”; não obstante, poderiam ser o próprio Deus. Estes foram então protegidos a qualquer custo, como aconteceu aos hóspedes de Ló (Gênesis 19:1-11); e, receberam o melhor do anfitrião, como no caso de Abraão, ao receber aqueles

que traziam a menção do cumprimento da promessa de ter um filho (Gênesis 18:1-14). Tais situações demonstraram e reforçaram que a hospitalidade era também revestida de sacralidade.

O gesto de acolhida ao outro é retratado na Bíblia como uma expressão de amor a um Deus que libertou seu povo da escravidão, quando este era estrangeiro no Egito; o sustentou no deserto e o acolhe permanentemente, como é demonstrado nos Salmos, onde Deus é descrito como protetor, rocha de sustentação, escudo e força.

No Novo Testamento, constata-se uma mudança na concepção de acolhida e na própria condição do estrangeiro. Essa parte da Bíblia traz o relato da chamada Nova Aliança, onde Jesus veio à terra para resgatar o relacionamento do homem com Deus. Na implantação desta aliança, Jesus reforça alguns preceitos estabelecidos no Antigo Testamento – como a condição de serem um povo monoteísta e permanecerem obedientes – mas traz novos preceitos para o tratamento a ser dado ao outro, o diferente, o estrangeiro, o excluído.

Os evangelhos relatam Jesus aclamando a questão da hospitalidade e procurando não apenas discursar, mas agir de modo a ser exemplo aos seus seguidores e, neste sentido, se abre permanentemente ao outro, trazendo uma mensagem de que a salvação não é apenas para o povo escolhido, mas para todos. Contudo, não deixa de reforçar que mesmo esta salvação é condicional, pois o que a deseja deve receber Jesus como enviado de Deus: *mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome*. (João 1:12). Deve também seguir suas orientações e se submeter às condições estipuladas: reconhecê-lo como filho de Deus, como Senhor e Salvador de suas vidas. Neste contexto, a condição de incluído não se relaciona mais a pertencer a um povo escolhido e sim, pelo fato de ser um filho de Deus.

Os autores bíblicos relatam que um dos atos que mais causava surpresa e espanto aos seus contemporâneos era justamente quando Jesus procurava estabelecer vínculos com os menosprezados e rejeitados pelos judeus: leprosos, estrangeiros, especialmente os samaritanos, e pecadores. Ao se relacionar com esses, Jesus buscava demonstrar que todo “outro” deveria ser acolhido e até mesmo amado.

Jesus se aproxima tanto deste “outro” que se coloca como um igual, necessitando de acolhida e aceitação: em seu próprio nascimento precisou e não

encontrou acolhimento; em seu ministério, pede para ser recebido em lares, diz não ter lugar para repousar.

Após a morte de Jesus, os relatos trazem o reforço da prática da hospitalidade: Paulo é escolhido para ser um apóstolo que prega a mensagem de salvação aos gentios; Pedro é designado para levar a mensagem na casa de um estrangeiro e a hospitalidade é ainda colocada como um dos requisitos do caráter daquele que aspira ao episcopado, mas também uma virtude recomendada a todos os crentes, como uma das características que deve acompanhar a piedade cristã: [...] *compartilhai as necessidades dos santos, praticai a hospitalidade* [...] (Romanos 12:13).

A hospitalidade é retratada tão fortemente como mandamento que no livro de Atos dos Apóstolos, o qual relata a formação da igreja primitiva, menciona-se que a forma de vida dos que seguiam as ordenanças de Jesus Cristo é em extrema comunhão: *E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. [...] Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração.* (Atos 2:42-46).

O Novo Testamento traz ainda o reforço de que se deve ser hospitaleiro com todos, pois a condição do homem é ser forasteiro em uma terra que pertence a Deus. Nesse sentido, Deus é retratado como um ser que possui a dádiva em sua própria essência, pois não apenas presenteia o homem com as condições de manter-se na terra, mas dá seu próprio filho para ser morto pela humanidade, como um presente que restaura o relacionamento do homem com o divino e, ainda, prepara um lar eterno, para onde irão os que seguem seus preceitos.

Considerações finais

Constatou-se, portanto, que o texto bíblico é repleto de exemplos e exortação à prática da hospitalidade enquanto instrumento de relação e fortalecimento de vínculos. Tais admoestações reforçam o incentivo para que os cristãos de hoje procurem exercer hospitalidade em seu cotidiano, legitimando-a na atual sociedade.

A hospitalidade é demonstrada como virtude, sendo uma forma prática de alguém dar a si mesmo e, os que mais conseguem fazer isso, são os que mais se

assemelham a Jesus Cristo, pois este é tido como alguém que nunca poupou coisa alguma de si mesmo em serviço aos outros.

Sendo Jesus o grande modelo de comportamento dos cristãos, encontram-se na Bíblia exortações para que esses sejam seus imitadores: *sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave.* (Efésios 5:1,2).

Neste sentido, tem-se que os cristãos são instruídos a seguir as orientações dadas por Jesus e a buscarem olhar para o outro não como um inimigo, mas como alguém a ser acolhido e amado. Manifestam a prática da hospitalidade de variadas formas: nas missões evangelísticas sustentadas por fieis; na doação de alimentos e auxílios diversos; nas atividades sociais desempenhadas pelas igrejas em suas comunidades; no acolhimento ao visitante em suas atividades religiosas.

O texto bíblico reforça a questão da hospitalidade e, neste sentido, concluiu-se que a religiosidade contribui para a fundamentação da dádiva e da hospitalidade no mundo, se constituindo em uma de suas dimensões e até mesmo uma resistência às relações puramente baseadas no interesse e utilitarismo.

Embora tenham ocorrido mudanças no seio da sociedade e a forma de convivalidade relatada no livro de Atos dos Apóstolos seja utópica no mundo moderno, para os cristãos, a hospitalidade não perdeu totalmente sua sacralidade, pois o próprio Jesus, ao se referir ao “fim dos tempos”, diz ter sido acolhido na posição de pobre, necessitado, preso e excluído. Tais palavras reforçam o cuidado que o cristão deve ter com os diversos “outros” com que se encontra em seu dia-a-dia.

A religiosidade não seria, obviamente, uma solução na busca por se reverter ou modificar as formas de relação na contemporaneidade, mas, por milhares de pessoas seguirem os preceitos do cristianismo, que são baseados na Bíblia, constatou-se que a mesma pode ser apontada como uma dimensão e instrumento de legitimação da hospitalidade no mundo moderno, na medida em que milhares de pessoas utilizam a Bíblia como um livro norteador de suas atitudes e comportamentos.

Referências

ALMEIDA, João F. *Bíblia: de estudo*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006

- ALMEIDA, João F. *Bíblia: aplicação pessoal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- ALTER, R; KERMODE, F. *Guia Literário da Bíblia*. Trad. Gilson César C.F. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997
- ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica, Maria Clara Lucchetti Birgement. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BUENO, Marielys S; DENCKER, Ada F. M (orgs). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Thomson, 2002.
- BUENO, Marielys S. (org). *Hospitalidade no jogo das relações sociais*. São Paulo: [s.n.], 2008 (Goiânia: Editora Vieira)
- CAMARGO, Luiz Octávio L. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.
- CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS. *O crescimento cristão na história*. Disponível em <<http://www.guiame.com.br/v4/92174-1692-O-crescimento-crist-o-na-Hist-ria.html>>. Acesso em 28 jan. 2011.
- CHAMPLIN, R. N. Phd. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.1. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- CHAMPLIN, R. N. Phd. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.3. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- CHAMPLIN, R. N. Phd. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.4. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- CHAMPLIN, R. N. Phd. *Enciclopédia de Bíblia: Teologia e Filosofia*. Vol.6. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia*. Disponível em: <www.bibliacatolica.com.br>. Acesso em: 15 ago. 2010.
- CORBIN, Alain (Org). *História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARDNER, Paul. *Quem é quem na Bíblia Sagrada*. Trad. José Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2008.

GEISLER, N; NIX, William. *Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: editora Vida, 1997.

LASOR, William S; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LOPES, Edson Pereira; DE LIBERAL, Márcia Mello Costa. (orgs.) *O impacto da práxis religiosa na construção de vínculos sociais*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

MARTINS, Paulo Henrique. *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Trad. Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

MARTINS, Paulo Henrique; NUNES, Brasilmar Ferreira (org.). *A nova ordem social: perspectivas da solidariedade contemporânea*. Brasília, Paralelo 15, 2004.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 2001.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL (Ed.). *Bíblia Almeida revista e atualizada*. Disponível em: <www.sbb.org.br>. Acesso em: 09 jul. 2010.

UNGER, M. F. *Manual Bíblico*. Tradução Eduardo P. Ferreira; Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2006.

WILGES, Irineu. *Cultura religiosa: as religiões no mundo*. 19ed. Petrópolis – Rj: Vozes, 2010.

Artigo recebido em 06 de abril de 2011

Aprovado para publicação em 30 de maio de 2011